

**Tatuagem à distância:
a formação de um grupo de estudos de
tatuagem durante a pandemia de COVID-19**

**Maria Isabel Dagli Hernandez, Taíom Almeida da Silva, Leonardo
Ferreira do Nascimento, Sabrina de Oliveira, Vitor Bento Botarelli,
Victoria Bispo Ribeiro dos Santos**

Tatuagem à distância: a formação de um grupo de estudos de tatuagem durante a pandemia de COVID-19

Distance Tattooing: the formation of a tattoo study group during the COVID-19 pandemic

Maria Isabel Dagli Hernandez, Taiom Almeida da Silva, Leonardo Ferreira do Nascimento, Sabrina de Oliveira, Vitor Bento Botarelli, Victoria Bispo Ribeiro dos Santos¹

1. Maria Isabel Dagli Hernandez é artista visual graduada em Artes Visuais pela Unesp e tatuadora desde 2014. E-mail: maridagli_@hotmail.com. Orcid: 0000-0001-5553-2491.

Taiom Almeida da Silva é Bacharel em Artes Plásticas pela UnB e tatuador há dezoito anos. Colaborou com o Grupo de Pesquisa Corpos Informáticos e participou de projetos de tatuagem como o Indelével, Good Moments Tattoo Meeting, Traço Concreto e CRUA. E-mail: sktaiom@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6804-8076.

Leonardo Ferreira do Nascimento começou a tatuar no início dos anos 2000, na cidade de Vila Velha (ES). E-mail: leongn027@gmail.com. ORCID: 0000-0001-8182-3794.

Sabrina de Oliveira é graduanda em Artes Visuais na Unesp e tatuadora desde 2018. E-mail: vegasabrinado@gmail.com. ORCID: 0000-0002-0332-2588.

Vitor Bento Botarelli é artista visual, Bacharel e Licenciado em Artes Visuais pela Unesp. Tatua desde 2016. E-mail: vitorbento7@gmail.com. ORCID: 0000-0002-3160-0565.

Victoria Bispo Ribeiro dos Santos é conhecida pelo nome artístico bolchevicky e finaliza o curso de Artes Visuais na Unesp. Iniciou-se tatuadora em 2020. E-mail: victoria.b.santos@unesp.br. ORCID: 0000-0002-3921-4415.

Resumo

O artigo, escrito em conjunto por seis autores e autoras, apresenta a narrativa do processo de treze tatuadores e tatuadoras na elaboração do Grupo de Estudos de Tatuagem, cujo objetivo é criar um espaço plural e inclusivo para o debate dos diversos aspectos que envolvem a cultura da tatuagem. Seus integrantes possuem formações, idades e experiências diversas, e reúnem-se de maneira horizontal com a proposta de estudar de maneira metódica assuntos correlatos à prática da tatuagem; assim, visando compartilhar os conhecimentos e expandi-los para dentro e fora do campo acadêmico. Ainda em fase inicial de formação, o grupo visa, através do presente artigo, registrar a memória dos encontros, assim como divulgar os processos de pesquisa individuais, com a finalidade de que os tópicos discutidos possam encontrar outros e outras interessados(as) em pesquisas sobre o assunto.

Palavras-chave: Tatuagem. Grupo de estudos. Artes visuais. Estudos teóricos. Coletividade.

Abstract

This article, written jointly by six authors, presents the process of thirteen tattoo artists in the development of the Tattoo Study Group, having in common the intention of creating a plural and inclusive place for debating different aspects around tattooing culture. All members have different backgrounds, ages and experiences, meeting horizontally with the proposal of methodological study on the subjects related to the practice of tattooing, thus aiming to share knowledge, and also to expand it inside and outside the academic field. Yet in its initial stage, the group aims to preserve the memory of the meetings through this article, as well as to reveal the members' individual research processes, so that the discussed topics can meet other interested parties and researchers on the subject.

Keywords: Tattoo. Study Group. Visual Arts. Theoretical studies. Collectivity.

Ao longo da história humana, a tatuagem aparece em diferentes culturas pelo mundo, com significações tão diversas quanto são as relações sociais e seus possíveis agrupamentos. Mesmo com longa presença no tecido social, a necessidade de aprofundamento teórico e conceitual sobre tatuagem segue latente, tanto entre tatuadores e tatuadoras quanto pesquisadores do assunto, principalmente quando se nota que grande parte dos registros encontrados foram feitos por pessoas de outras áreas, que direcionaram pesquisas e relatos sob uma ótica distanciada.

Tais percepções atingem de forma particular aos tatuadores e às tatuadoras, e motivaram a formação de um Grupo de Estudos comprometido com o estudo sistemático do assunto, visando, principalmente, a construção um espaço de compartilhamento e de interseção entre saberes sobre arte e tatuagem. O grupo encontrou na universidade, entre estudantes de artes com prática em tatuagem e incluindo tatuadores de fora da academia, o ambiente de convergência propício para iniciar uma movimentação coletiva, que se expande para fora do ambiente acadêmico.

O Grupo de Estudos de Tatuagem surgiu de forma autônoma em outubro de 2020, não possuindo vinculação acadêmica ou institucional. Por ter sido criado em meio à pandemia do COVID-19, período de distanciamento social e afastamento de diversos/diversas tatuadores/tatuadoras de suas atividades, preencheu a lacuna deixada pela suspensão temporária da execução prática dos trabalhos, e atendeu às demandas dos e das participantes de fortalecimento teórico com relação à arte e tatuagem. Como a tatuagem na atualidade se efetiva, primordialmente, no campo da prestação de serviços e, assim, com pouco contato com a elaboração teórica ou textual, o aprofundamento na temática através das leituras foi essencial como início de uma consolidação de um pensamento crítico sobre a prática, potencializando desdobramentos futuros em outras investigações dos e das participantes.

Quando há menção aos estudos sobre tatuagem entre tatuadoras e tatuadores, estes são geralmente associados ao aprimoramento técnico, visando a inserção do e da tatuadora e tatuador no mercado. Podemos mencionar, por exemplo, os cursos fornecidos pela escola Lado B, em São Paulo, que abordam questões de biossegurança, legislação, manutenção do equipamento e aplicação prática na pele. Quanto ao contexto acadêmico, a tatuagem já foi muito abordada na literatura em seus aspectos antropológico, social e psicológico; mas pouco observada nos âmbitos estético, artístico, conceitual e, principalmente, empírico, dada sua separação das linguagens artísticas já institucionalizadas e sua associação histórica a grupos marginalizados. A escassez de referências sobre o viés

artístico e formativo da tatuagem, dessa maneira, se faz notável, sendo agravada pela falta de registros em primeira pessoa no conhecimento acerca da prática.

Apesar dessa escassez, é necessário creditar algumas iniciativas acadêmicas que tomaram corpo nas últimas décadas e que tecem associações entre arte e tatuagem. O GEST - Grupo de Estudos Sobre Tatuagem, por exemplo, surgiu em 2014, por iniciativa do Prof. Dr. Diego Carreiro, reunindo alunos das Faculdades Integradas Barros Melo - Aeso, no Recife (PE). Com publicações e entrevistas realizadas com tatuadoras e tatuadores, distribuídas nas plataformas Facebook e Blogspot, o grupo registrou sua existência, mas parece ter durado apenas dois meses, tendo finalizado suas atividades prematuramente. É um dos poucos Grupos de Estudos brasileiros que se encontra em buscas gerais pesquisas pela internet, o que já subentende a raridade de investigações sobre a linguagem da tatuagem.

Na base de dados sobre Grupos de Pesquisa nacionais, da CNPq, listamos apenas um grupo de pesquisa acadêmico certificado que se associa ao termo «tatuagem» escrito na «Busca». O Grupo de Pesquisa Cultura e Identidade na Contemporaneidade, da UFMA, da área de Antropologia, menciona a cultura urbana e suas poéticas; porém, nenhum grupo emprega o termo «tatuagem», seja no título, seja como conceito definidor de sua linha de pesquisa.

Outra menção disponível é a oficina cultural estudantil “Malas Lenguas: Disidencias Estéticas”, originada em fevereiro de 2020, como parte de um projeto de extensão da Universidade de Granada, na Espanha, e habilitada no Centro Cultural Casa de Porras. A oficina mantém-se ativa, promovendo palestras online e rodas de debate sobre expressões artísticas dissidentes, incluindo a tatuagem. Sendo uma entidade promotora de eventos e com publicações gratuitas, realiza um importante papel na inserção institucional do debate sobre tatuagem e artes visuais.

Estes grupos e organizações apresentados são exemplos do interesse ainda emergente na temática da tatuagem nas últimas décadas, sem que haja iniciativas em profusão. Quando as encontramos, não raro estão distantes da realidade local brasileira. Em virtude disso foi que surgiu entre os participantes deste grupo a necessidade da criação de um espaço próprio de discussão e acolhimento, que abordasse questões específicas do contexto nacional.

O Grupo de Estudos de Tatuagem, aqui relatado, reuniu treze tatuadoras, tatuadores e artistas visuais vindos de diferentes contextos, de dentro e de fora da universidade, relacionando profissionais com vinte anos de experiência com iniciantes na prática, desde que já possuindo familiaridade com outras linguagens artísticas. Originou-se por mobilização de uma das tatuadoras participantes, Maria Isabel Dagli Hernandez (Mari Dagli), atuante no campo desde 2014 e, na ocasião, recém graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”-UNESP; que contou com a colaboração de Vitor Bento Botarelli, colega de curso e tatuador desde 2016. A dupla estendeu convites a tatuadores e tatuadoras e artistas de seu conhecimento, alguns e algumas que cursavam os primeiros semestres do curso de Artes Visuais da UNESP; outros e outras já graduados(as); e ainda os e as sem estudos formais em artes,

mas que se dedicavam à tatuagem por anos. Além de Maria Isabel Hernandez e Vitor Botarelli, atualmente o grupo é formado por Taiom Almeida da Silva, Leonardo Ferreira do Nascimento, Sabrina de Oliveira, Victoria Bispo Ribeiro dos Santos (bolchevicky), Beatriz Isidoro, Henrique Vidigal (Ike), Caroline Perin (Carol Westt), Ariela Hönel Scherer, Gabriela Fune, Mariana Cherubini, Pedro Moraes e Audrey Hermanstadt.

A diversidade entre os e as participantes foi fundamental para que esse grupo se constituísse como lugar de expansão dos horizontes acerca das temáticas da tatuagem e das artes visuais. A necessidade de falar a partir de seus próprios processos na área de tatuagem moveu o início das atividades do grupo, visando sobretudo futuras elaborações coletivas acerca das práticas estéticas. O pensamento sobre coletividade apresentou-se extremamente necessário naquele momento, já em meio à pandemia, devido ao impacto inerente das atitudes individuais sobre o contexto social, que se somou à crise sanitária que atingiu e atinge diretamente a vida dos e das trabalhadores autônomos brasileiros. Com referência à tatuagem, a perda do acesso ao estúdio de tatuagem - principal espaço de intercâmbio de conhecimentos e obtenção de renda - acirrou a necessidade de cultivo de redes de compartilhamento através de outros meios, possibilidade que o grupo de estudos veio consolidar. Formou-se ali um ambiente de troca e contribuição mútua, trazendo as compreensões apreendidas sempre em diálogo com o campo da tatuagem e das artes visuais.

O presente artigo, produzido coletivamente, é resultado desse processo de compartilhamentos que ocorre há nove meses, e serve tanto como forma de documentação destes encontros, quanto como importante exercício de escrita, autorreflexão e produção de debate, que são algumas das propostas e interesses do grupo. Apesar de se encontrar em estágio inicial, e por isso abarcar uma diversidade ampla de temáticas e áreas (da filosofia e sociologia à política e artes visuais), já se apresenta como um espaço de formação dos e das participantes enriquecedor para uma prática da tatuagem realizada de forma crítica e articulada, rompendo com o isolamento dos tatuadores e tatuadoras, em geral restritos apenas ao âmbito do ofício.

Sobre o grupo

Pensar coletivamente é urgente e essencial, e nas circunstâncias de mudanças climáticas recentes, assim como na atual pandemia, fica evidente que a ação de um indivíduo impacta diretamente na vida de outros e outras. A globalização e a comunicação em rede são partes indissociáveis do cotidiano, e fazem com que percebamos, em todos os âmbitos da vida, esse mesmo movimento na direção do pensamento coletivo como maneira de lidar com os dilemas da contemporaneidade.

Em termos de construção de conhecimentos no âmbito coletivo, Bouncken, Pesch e Reuschl (2016) abordam a temática no campo empresarial. Para os autores, indivíduos possuem maior capacidade de ação e reação a determinado problema quando este é coletivizado; o que se potencializa entre contextos onde

se encontram profissionais distintos, mais aptos ao desenvolvimento de soluções criativas compatíveis entre os e as membros deste grupo. O processo, denominado de copoiesis, propõe que a troca e combinação de conhecimentos, aliadas ao estabelecimento de metas em comum, à decisão de correr riscos e à experimentação, estimula a inventividade na resolução de problemas. Desta forma, conhecimentos individuais previamente consolidados são atualizados, sendo a coletividade um fertilizador disso.

A mesma noção de copoiesis relativa aos processos cognitivos, em torno dos novos aprendizados e capacidades que partem de atividades compartilhadas (BOUNCKEN; PESCH; REUSCHL, 2016, p. 45), cabe nos processos artísticos, onde a experimentação e o gosto por assumir riscos são elementos fundamentais. Esse arriscar-se, garantido pela rede de um grupo, torna-se mais suportável, ao passo que a experimentação beneficia-se do enlace com o(a) outro(a), permitindo maior número de mediações e interferências no processo criativo. Isso, sem considerar que o destino da obra criativa é sempre a partilha, ou seja, a obra só se completa no(a) outro(a).

Na tatuagem, em especial, a necessidade de socialização, “demasiada humana”, tem encontrado um refúgio de existência (ALMEIDA, 2020), assim como os e as integrantes do grupo encontraram no ambiente de reunião virtual uma forma de dar vazão às suas curiosidades, vontades e visões sobre uma prática que está diretamente relacionada ao corpo.

A busca pela construção coletiva do conhecimento acerca da tatuagem como produção inserida no campo artístico constituiu um desejo que reuniu os e as participantes do grupo; confrontando seu vínculo como produto direcionado ao mercado. Este fato deve-se, em parte, à própria tradição histórica da tatuagem na modernidade ocidental, onde o conhecimento empírico dos e das tatuadores e tatuadoras, até o final do século XX, foi repassado, majoritariamente, de forma oral, circulando mais entre as pessoas que se tatuavam ou que buscavam aprender a técnica. Essa forma de desenvolvimento histórico da tatuagem resultou em poucos registros sobre a prática, em sua grande parte ligados aos espaços como presídios, quartéis e laudos médicos (JEHA, 2019); até o momento em que a internet (e a informação em rede) favoreceu uma comunicação mais ampla e descentralizada, viabilizando uma nova onda de popularização da tatuagem.

Foi dessa maneira que tatuadoras e tatuadores começaram a ser agentes no registro de suas próprias narrativas e, através de blogs e redes sociais, seus saberes e experiências tornaram-se disponíveis aos que viriam a se interessar pela prática. Por outro lado, esse movimento de pulverização de informações fez surgir novas lacunas em diferentes contextos, que vão da formação técnica e profissionalização aos desdobramentos semânticos e sócio-culturais da prática; assim como das questões referentes à saúde pública à economia autônoma, e desta aos debates políticos, decoloniais e ambientais. Massificada como prestação de serviços estéticos, a tatuagem foi pouco abordada pelo pensamento crítico como prática artístico-visual e política. Estas reflexões mantiveram-se por muito tempo alheias aos próprios(as) tatuadores e tatuadoras, aos e às pesquisadores acadêmicos e ao público geral.

No cenário nacional, contribuiu para este quadro de auto-confinamento (que contradiz o que chamamos acima de aspecto relacional do ato de tatuar) o fato de que, em princípios do século XX, no contexto urbano, a tatuagem era realizada principalmente por segmentos sociais marginalizados, como os marinheiros, imigrantes, trabalhadores e prostitutas (SILVA, 2020). Também, estavam associadas às marcas corporais trazidas por povos africanos escravizados durante a colonização do Brasil, conforme aponta Jeha (2019). Fortalecido pelas mídias de comunicação em massa da época, o vínculo com grupos subalternizados e com a marginalidade a distanciou da noção de arte que, herdada de uma tradição artística importada pela colonização europeia, esteve restrita aos ambientes intelectuais e acadêmicos. Se esses espaços eram ocupados por uma elite social que, historicamente, relacionou à pintura, gravura e escultura a autoridade das linguagens artísticas válidas, as práticas manuais e laborais, ligadas ao trabalho escravo, por sua vez, ficaram associadas a uma realização mecânica, desligadas do pensamento racional e, portanto, consideradas como inferiores².

Com sua crescente popularidade na atualidade, a prática da tatuagem estende-se às classes médias e altas, não só como adorno corporal de valor, mas também como oportunidade de trabalho e prestígio social, resultando na maior inserção dos e das artistas que trabalham com a tatuagem e na valorização comercial de seus serviços. Entretanto, esse movimento continua insuficiente em relação à sua contribuição ao pensamento crítico e reflexivo, essencial para produção em arte (e necessário, quando o que se busca é o enfrentamento às estruturas de opressão e a democratização dos espaços de poder) .

Em resposta a essas ausências e integrando essas disputas, o grupo de estudos de tatuagem foi concebido como um espaço de confronto, assim como de cultivo de pensamentos criativos e de pesquisas estéticas, para a construção de novas pontes de conhecimento acerca de como realizar a tatuagem com segurança, ética e contribuição social. Seu pensamento volta-se para a organização coletiva ao redor da tatuagem - não apenas restrito a um agrupamento de estudantes, mas ampliado ao corpo social dos e das tatuadores e tatuadoras e artistas brasileiros(as). Seu enfoque coletivizante reage à exploração de setores marginalizados, e se propõe ativo contra qualquer forma de discriminação de gênero, etnia, classe ou orientação sexual; o que pressupõe uma abordagem crítica à prática da tatuagem, bem como a todas as outras práticas artísticas, em sua inserção no mundo contemporâneo.

Entre seus objetivos como coletividade, o grupo visa alternativas plausíveis para a realidade profissional de tatuadores-artistas e tatuadoras-artistas no cenário atual brasileiro e criar diálogos entre pesquisa, prática e criação artística contemporânea. Suas ações desdobram-se por meio da verificação dos desafios enfrentados atuais, bem como da projeção de futuros para as práticas artísticas coletivas, em conjunto com os estudos sobre seus agentes, pressupostos e per-

2. A educação de artes no Brasil foi marcada pela chegada da Missão Artística Francesa, que importou uma tradição de validação das artes a partir do gosto europeu. Uma de suas primeiras ações foi a criação da Academia Real de Desenho, Pintura, Escultura e Arquitetura Civil; de onde já se subentende que estas seriam as principais linguagens artísticas desenvolvidas na colônia. Evidentemente, a ideia de gosto deixava de fora diversas formas de criação não europeias (SUBTIL, 2011, p. 244).

cursos. Tendo a universidade como diferencial, mas nunca como limitadora, visa combater uma tendência conservadora que assola a área da cultura e que se reflete nos ambientes dos estúdios de tatuagem, muitos deles construídos como espaços pouco permeáveis (se não avessos) aos debates de política e inclusão social, tão necessários frente à ameaça autoritária presente no cenário brasileiro.

Processos coletivos e reflexões em grupo

Nas primeiras reuniões do grupo, em 2020, realizadas por vídeo chamada, foram apresentados os e as participantes e abordados os textos sugeridos e as referências pessoais. Atualmente, a conversação tem continuidade via trocas de mensagens de texto, documentos, imagens e vídeos. Para cada uma das reuniões³, foi proposto um tema específico, cujo ponto de partida seria a ligação daquela temática com o campo da tatuagem. Os documentos a serem trabalhados em cada debate foram compartilhados em uma biblioteca virtual, criada através do aplicativo Google Drive, contando com um acervo de livros, artigos acadêmicos, planilhas e podcasts referentes às temáticas de tatuagem, artes visuais, finanças, ecologia, biossegurança e legislação, entre outros.

Ao final de cada reunião, gerava-se uma ata, redigida geralmente pelo participante Vitor Bento Botarelli⁴, que era disponibilizada também no Google Drive, junto do cronograma das reuniões e dos textos do grupo. Dessa forma, criou-se não apenas um espaço organizado ao compartilhamento de conteúdos publicados, como também à documentação escrita de tudo o que fora abordado durante os encontros.

Nesses encontros inaugurais, priorizamos a abordagem de temas introdutórios, que concernem à atualidade da prática da tatuagem, à biossegurança e à economia solidária. Afinal, boa parte das questões mais básicas que cerceiam a tatuagem (a exemplo da biossegurança; da pele e sua mutabilidade com o tempo; da habilidade sensível de criar em conjunto e até mesmo das questões financeiras) só estão disponíveis através da vivência nos estúdios de tatuagem. Este tipo de aprendizado empírico nem sempre é acessível a quem ingressa na prática da tatuagem, devido à dificuldade de acolhimento de aprendizes pelos estúdios e à desconfiança nas práticas de biossegurança envolvidas no atendimento ao cliente; sem que haja um consenso elucidativo entre os e as tatuadores e tatuadoras sobre as formas de biossegurança mais adequadas. Somam-se a esses fatores uma aparente reserva de tatuadores e tatuadoras experientes quanto ao ensino de uma nova geração de aprendizes, além da inacessibilidade financeira, sendo os equipamentos de tatuagem extremamente caros.

3. Os encontros ocorreram quinzenalmente, às quintas-feiras, com duração de 1:30h a 2h cada.

4. É importante mencionar que alguns participantes do grupo, tais como Vitor Bento Botarelli, possuíam experiência prévia em grupos de estudo, cursinhos populares e ensino de artes visuais. A graduação em Licenciatura no Instituto de Artes da UNESP, onde se formaram alguns dos e das integrantes, propõe estágios em aulas de arte e disciplinas voltadas à educação, o que foi fundamental para auxiliar na didática e na organização e cronograma dos encontros.

Assim sendo, o grupo introduziu assuntos que ajudavam na oficialização das formas mais adequadas de trabalho, mirando uma inserção mais segura dos e das novos(as) tatuadores e tatuadoras às práticas de tatuagem. Foi consenso entre os e as participantes destacar a abordagem sobre biossegurança em um dos primeiros encontros, levando em conta ser esta a temática que mais gera dúvidas, quanto aos procedimentos mais adequados e, sobretudo, os novos procedimentos indicados frente à atual crise sanitária e de saúde.

O perfil de alguns dos e das participantes, com pouco tempo e experiência na prática, também mostrou ser necessário construir um processo formativo e técnico em torno do assunto. Para isso, foram trazidos dois documentos: Protocolos de Reabertura em Resposta à Pandemia da COVID-19, elaborado pela Associação dos Tatuadores e Perfuradores do Brasil; e Orientações de Biossegurança em Época de COVID-19, desenvolvido pelo Estúdio Vespa, de Brasília, e trazido pelo participante Taiom Almeida da Silva. Também no sentido de evitar os riscos provenientes do fato de a tatuagem ser um procedimento invasivo, o participante Léo Neugin propôs-se a realizar um curso sobre o assunto. Para o participante, com vinte e um anos de experiência na área, é necessário compreender que medidas protetivas no procedimento são tão importantes quanto sua abordagem artística, visando a redução dos riscos de transmissão de doenças e contaminação.

Na profissão há vinte e um anos, Léo Neugin acompanhou uma mudança expressiva na popularização da prática da tatuagem no Brasil, assim como nas publicações sobre o assunto. Ele relata: “Sempre procurei conhecer mais a fundo sobre a história da tatuagem, porém esbarrei na dificuldade de encontrar bons materiais de pesquisa nesse sentido” (NEGUIN, 2021, s.p.)⁵. Suas investigações, portanto, se deram em um âmbito informal, através dos poucos livros divulgados na época de sua iniciação na tatuagem, ao lado de publicações em sites da internet, de viagens e conversas com colegas de profissão. O participante passou a sistematizar as informações estudadas, resultando na construção de uma linha cronológica da tatuagem no curso da humanidade. Para o tatuador-artista e pesquisador, o grupo de estudos é oportunidade de compartilhar tais sistematizações, vislumbrando contribuir para a formação dos e das participantes e estruturar futuros cursos formativos.

Ainda com perspectiva auto-formativa, desta vez na área de finanças, compartilhamos a Carta de Princípios de Economia Solidária (2003), escrita durante a III Plenária Nacional da Economia Solidária. O texto foi trazido e apresentado pelo participante Vitor Bento Botarelli, propondo discutir acerca das noções de trabalho e dinheiro no mundo neoliberal, e como a tatuagem se enquadra nesta lógica. Como possibilidade de fugir da lógica do capital, conversamos também sobre as experiências (positivas e negativas) dos e das participantes na realização de toda sorte de permutas, ou de negociações onde um lado abre mão de um determinado bem ou serviço para adquirir outro, sem que haja troca financeira entre as partes. Percebemos a dificuldade em desvincular a prática da tatuagem da contribuição financeira como retribuição primeira ao seu exercício; uma questão complexa aos e às artistas que disponibilizam suas criações à venda no mercado de arte.

5. Informação oral, recolhida para a escrita deste artigo.

No conjunto desses encontros, percebemos uma preocupação ética, no contexto dos e das participantes do grupo, em tornar seus trabalhos de arte disponíveis ao público e, concomitantemente, valorizá-los numa perspectiva que não a dominante, capitalista e conservadora, que desvaloriza compulsoriamente a arte e a cultura. A dificuldade em precificar trabalhos e, ao mesmo tempo, democratizá-los, envolve o fato de a tatuagem estar incluída na categoria do trabalho autônomo, em que seus próprios atores regem preços e regras de trabalho. Por este motivo, e visando uma maior segurança dos e das participantes do grupo em lidar com as contradições que envolvem a produção de arte e o mercado, foram estudadas tabelas e planilhas, auxiliando na reflexão sobre questões de organização financeira, precificação dos trabalhos de tatuagem e acessibilidade a uma parcela social menos favorecida financeiramente.

Além dessas questões, foram trazidos textos sobre psicologia, filosofia, política e sociedade. Uma das fontes consultadas, o artigo “Tatuagem, Ritual, Arte e Moda” (2014), de Richard de Oliveira e João Augusto Frayze-Pereira, trata de um exame cultural, sociológico e psicológico sobre a prática da tatuagem e o perfil dos e das tatuadores e tatuadoras e dos indivíduos tatuados na cidade de São Paulo. O texto distingue “tatuadores populares” e “tatuadores prestigiados” para embasar sua avaliação; sendo estes dois perfis bastante marcantes nos tatuadores e tatuadoras da cidade de São Paulo. Trata também da ideia de ritual, essencial como forma de percepção do impacto da tatuagem em cada indivíduo que a recebe e para o valor que possuem os desenhos escolhidos. Nesse quesito, o texto foi importante, ao mapear de que forma se dá o encontro tatuador e tatuadora com o(a) cliente, assim ao buscar inserir a tatuagem na contemporaneidade, segundo a visão da psicologia.

Semelhante função teve a leitura de *Fenomenologia da Percepção* (1999), de Maurice Merleau-Ponty, trazida como caminho de aplicação do conhecimento filosófico na instância da tatuagem. O trecho selecionado da obra questiona a ideia de racionalidade, naturalizada no conhecimento humano como via principal de apreensão da realidade, e propõe um enfoque à sensorialidade como forma de conhecimento. Em comparação ao campo da tatuagem, a abordagem de Merleau-Ponty indica que seu significado não se constrói apenas com relação à disposição da imagem no corpo, como também através da sensação e percepção corporal que tanto o indivíduo tatuado como o tatuador e a tatuadora possuem. O pensamento de Merleau-Ponty foi também aplicado aos aspectos culturais da tatuagem e como eles determinam sua realização em cada contexto; a exemplo das diferenças em como se percebe a corporeidade no Ocidente e no Oriente, e como as tatuagens impactam, aqui e lá, na construção visual da tatuagem. Tais reflexões, acessadas informalmente no contexto da reunião, mostram possibilidades de reflexões a aprofundar. A inovação dentro dos processos coletivos, conforme mencionada por Bouncken, Pesch e Reuschl (2016), ganhou forma nessas novas ideias.

A apresentação oral dos e das participantes, partindo de suas referências artísticas e teóricas conhecidas e das projeções de suas pesquisas, conduziu as reuniões do grupo. Sendo um espaço de compartilhamento, é frutífero utilizá-lo como local seguro para potencializar projetos pessoais, em diálogos intercambia-

dos; assim como para gerar projetos coletivos. Trazer referências caras a todos e todas foi uma maneira de compreender os processos individuais e, assim, refletir sobre caminhos que a tatuagem pode tomar em coletividade.

Desdobramentos nas experiências dos e das participantes

O grupo continua atuando como lugar de trocas entre os e as participantes, e já observamos impactos nas pesquisas e projetos pessoais. A partir da diversidade dos conteúdos abordados, assim como dos pontos de vista trazidos por cada um e cada uma, somamos visões plurais acerca do corpo e das modificações estéticas; discussões que foram fundamentais ao direcionamento encontrado na investigação do corpo e suas potencialidades, como materialidade da experiência humana e meio imediato de percepção e comunicação da realidade.

Tais aspectos mencionados impactaram diretamente na elaboração do trabalho de conclusão de curso da participante Sabrina de Oliveira, estudante de Artes Visuais no Instituto de Artes da UNESP, e tatuadora desde 2018. A participante selecionou o texto *Corpo obsoleto: projetos artísticos para uma nova concepção do corpo humano* (2006), da pesquisadora Priscilla Davanzo, como ponto de partida à abordagem da tatuagem como linguagem poética e artística. Em sua pesquisa, em curso, a partir de suas produções artísticas pessoais e fontes bibliográficas, propõe discutir o corpo como suporte de experimentação da realidade na tatuagem contemporânea. As trocas com o grupo contribuíram para a ampliação dessa discussão, incluindo a tatuagem como processo artístico e produção de pensamento, assim como o corpo em sua subjetividade e em integração à sociedade.

O debate em grupo influenciou também o projeto-pesquisa Pretos Nobres, da participante bolchevicky que, atuando como tatuadora desde 2019, percebeu a ausência de pessoas negras entre seus clientes. Também, observou no próprio ambiente acadêmico o crescimento exponencial de tatuadores-artistas e tatuadoras-artistas; porém estes, em sua maioria, eram brancos. Tal constatação gerou um misto de indignação e frustração, que resultou na ideia de criar o projeto Pretos Nobres. Formulada em período anterior ao início do grupo, a proposta principal de Pretos Nobres seria a realização de tatuagens com preços simbólicos, ou gratuitas, para pessoas de pele negra; para desvalidar o mito (frequente entre tatuadores e tatuadoras), de que peles mais escuras não são tatuáveis, por não apresentarem contraste entre a cor da pele e a cor da tinta aplicada, ou por não poderem transmitir uma noção estética de beleza. Sobre essa ausência de representação, afirma Grada Kilomba:

[...] tal posição de objetificação, que comumente ocupamos, esse lugar de Otroridade não indica, como se acredita, uma falta de resistência ou interesse, mas sim a falta de acesso à representação, sofrida pela comunidade negra. [...] nossas vozes [...] têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimentos inválidos, ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós (KILOMBA 2019, p. 51).

Devido à pandemia do COVID-19, a participante bolchevicky adaptou sua pesquisa, transitando da prática à escrita: estabeleceu entrevistas em meio virtual com tatuadoras negras, no intuito de adquirir material gravado para realização de um documentário, que servirá como resultado do trabalho final exigido pela faculdade, e que terá o intuito de reforçar a articulação de perspectivas fora do mundo branco¹³. Ainda em desenvolvimento, o projeto segue com o objetivo de construção de um conhecimento antirracista dentro do cenário da tatuagem, com base em um discurso teórico e coletivo sobre, para e por corpos negros.

A participante Mari Dagli, que atualmente investiga a tatuagem como prática performativa e relacional, percebe semelhante reflexo dos encontros do grupo em sua inserção no campo da tatuagem. A tatuadora relata que o conservadorismo arraigado na profissão vinha lhe gerando incômodo, devido à impossibilidade de discussão de determinadas questões, tais como machismo, racismo e transfobia nos espaços dos estúdios; ou mesmo a expansão das referências estéticas da tatuagem para além das tradições já consolidadas no Brasil. Esses incômodos a levaram ao anseio por um local de reflexão e compartilhamento, que funcionasse também ao acolhimento destas indagações. Já familiarizada com temáticas políticas, performativas e relacionais - através da pesquisa realizada em seu trabalho de conclusão de curso, denominado A Tatuagem Relacional (no prelo), o grupo de estudos resultou para ela em um processo mais aberto à coletividade. As trocas ali realizadas, ainda, deram frutos na abordagem que a artista adota como colaboradora no blog Tattoo2Me, compartilhando textos sobre questões filosóficas e políticas acerca da prática da tatuagem; além de implicarem numa maior participação do público em seus trabalhos práticos, principalmente, por levar em consideração as subjetividades na feitura dos trabalhos.

O participante Vitor Bento Botarelli, por seu lado, relata que, ao observar a si mesmo e aos participantes do grupo como agentes ativos na troca de conhecimentos, percebeu a importância dos múltiplos olhares, muitas vezes discordantes, que permitem a ampliação de noções do universo da tatuagem e de seus paralelos com outras áreas, tais como a história das artes, a biologia e a economia. Declara ainda a dificuldade em construir um grupo durante a pandemia, momento em que pesa o desejo de isolar-se de qualquer atividade produtiva; mas entende que a realização do grupo de estudos foi possível devido à contribuição mútua de todos e todas para a realização dos encontros, motivados(as) por temas de interesse comum.

Mari Dagli, relatora das atas das reuniões junto com Vitor Bento, ciente dos desdobramentos possíveis, propõe que os registros realizados possam ser usados em consultas futuras. Para isso, servem o acervo da biblioteca coletiva, em organização contínua, e os meios digitais, que são potenciais canais abertos à discussão de novas questões e de apresentação de conteúdos a outros(as) interessados(as). O registro deste artigo, desse modo, materializa parte da intenção do grupo de fomentar o devir.

Ao final, é importante ressaltar que o grupo segue ativo, dando contorno ao desejo compartilhado entre todos e todas os(as) participantes de manterem as trocas visuais e conceituais sobre a prática da tatuagem, como produção manual inserida no campo artístico, visando o enfrentamento dos desafios contemporâ-

neos. Constitui-se como um espaço seguro à troca de pensamentos, referências e projetos artísticos, buscando exercitar a organização autônoma coletiva e expandi-la a todos e todas os(as) produtores de arte e cultura que procuram por acolhimento, enfrentando contextos conservadores e adversos à criação artística e à existência como tatuadores-artistas e tatuadoras-artistas aliados(as) ao compromisso político, crítico e democrático. Se o corpo é território da experiência, é desejável ocupá-lo; e sendo também social, é fundamental a criação de redes de fortalecimento e resistências plurais.

Referências

- ASSOCIAÇÃO DOS TATUADORES E PERFURADORES DO BRASIL. Protocolos de reabertura em resposta à pandemia da COVID-19. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1VV0Br-TtY5mnAsGWMwv0NDwBhE-J3XdQu/view?usp=sharing>. Acesso em: 19 jun. 2021.
- BOUKEN, Ricarda Barbara; PESCH, Robin; REUSCHL, Andreas. Copoiesis: mutual knowledge creation in alliances. *Journal of Innovation & Knowledge*, Bayreuth, v. 1, n. 1, p. 44-50, 13 jan. 2016. Disponível em: <https://www.econstor.eu/handle/10419/190691>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- DAGLI, Mari. *A Tatuagem Relacional*. Monografia (Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais) - Instituto de Artes da Unesp, São Paulo (no prelo).
- DAVANZO, Priscilla. *Corpo obsoleto: projetos artísticos para uma nova concepção do corpo humano*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2006.
- ESTUDIO VESPA. Orientações de biossegurança em época de COVID-19. 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1D0czci2BiJxAi2am-dAxd8DWTqnlrcdHf/view?usp=sharing>. Acesso em: 09 abr. 2021.
- FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. Carta de princípios da Economia Solidária. III Plenária Nacional da Economia Solidária, 2003. Disponível em: <https://fbes.org.br/2005/05/02/carta-de-principios-da-economia-solidaria/>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- GEST - Grupo de Estudos de Tatuagem. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/GESTAESO/>. Acesso em: 19 jun. 2021.
- GEST - Grupo de Estudos de Tatuagem. Blogspot. Disponível em: <http://gest-aeso.blogspot.com/>. Acesso em: 19 jun. 2021.
- JEHA, Silvana. *Uma história da tatuagem no Brasil: do século XIX à década de 1970*. São Paulo: Editora Veneta, 2019.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LADO B. Sítio Digital Disponível em: <http://ladobescola.com.br/site/>. Acesso em: 18 jun. 2021.
- MALAS LENGUAS. *Malas Lenguas: disidencias estéticas*. Granada, s.d. Disponível em: <https://www.malaslenguasde.es/>. Acesso em: 17 jun. 2021.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- NEGUIN, Leon. Entrevista oral cedida a Maria Isabel Dagli Hernandez,

Taiom Almeida da Silva, Leonardo Ferreira do Nascimento, Sabrina de Oliveira, Vitor Bento Botarelli, Victoria Bispo Ribeiro dos Santos. São Paulo, 2021, s.p. [Material não publicado].

OLIVEIRA, Richard de; FRAYZE-PEREIRA, João Augusto. Tatuagem: ritual, arte e moda. In: Anais do Congresso Internacional de Estética e História da Arte, São Paulo, n. 9, p. 303-317, 2014. Disponível em: <http://www.pgeha2.webhostusp.sti.usp.br/livros/DESENHOS%20DA%20PESQUISA.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2021.

SILVA, Taiom Almeida da. Tatuagem e confinamento. Revista Rebento, v. 1, n. 12, p. 311-315, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/485>. Acesso em: 18 jun. 2021.

SUBTIL, Maria José Dozza. Reflexões sobre ensino de arte: recortes históricos sobre políticas e concepções. Revista Histedbr On-Line, [S.L.], v. 11, n. 41, p. 241, mar. 2011. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639849>. Acesso em: 17 jun. 2021.

TATOO2ME. Sítio digital. Disponível em: <https://br.tattoo2me.com/>. Acesso em: 17 jun. 2021.

Submetido em: 11/04/2021.

Aceito em: 23/06/2021.